

GADOTTI, Moacir. “Diálogo e intimidade”. In: COELHO, Edgar Pereira. *Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas e livros*. Brasília: Liber Livro, 2011.

Prefácio

Diálogo e intimidade

Caro Edgar,

Durante o período em que você estava elaborando sua tese de doutorado, eu lhe enviei diversas mensagens, que continham orientações para o melhor andamento do seu trabalho. Agora, mais do que uma mensagem eletrônica, envio-lhe uma carta, no sentido mais profundo de que você trata na sua tese, para agradecer seu convite e destacar o prazer de escrever a um amigo humilde, generoso e dialógico.

Com a leitura atenta que fez das cartas de Paulo, você entrou na intimidade dele e da sua pedagogia: educar-se por meio das relações que estabelecemos. Quando há confiança, cumplicidade, querer bem, amizade, o cognitivo não se dissocia do afetivo.

Paulo Freire dava muita importância à forma, ao método, à relação, para além dos conteúdos. Isso significa que ele descuidasse dos conteúdos, do saber científico. Muito pelo contrário. Ele queria, justamente, que os conteúdos fossem devidamente tratados, com o cuidado da linguagem. O gênero carta é intencionalmente pedagógico, na obra essencialmente autobiográfica de Freire. Não há como escrever carta sem forte envolvimento pessoal.

O gênero carta pessoaliza, expõe a intimidade. Uma carta pode dirigir-se a um grande público, mas, em princípio, ela se dirige a cada um em particular. Uma carta convida a uma aproximação entre quem escreve e quem lê; ela possibilita a cumplicidade entre eles. Quem escreve carta convida ao diálogo, à resposta, à continuidade, ao estabelecimento de uma relação pessoal.

Paulo Freire usou o gênero carta também como um suporte novo da educação popular, como uma poderosa ferramenta pedagógica de diálogo. O gênero carta não se presta ao discurso autoritário. As cartas se destinam muito mais para fazer um convite às pessoas, um convite ao diálogo. Paulo Freire chama a atenção para o conteúdo das formas. O que ele disse por meio das formas é muito importante para a formação do educador.

Ao escrever pedagogias, Paulo Freire sentia-se próximo dos educadores, de seus leitores e leitoras, e eles também se sentiam e sentem-se implicados, tocados, pelos seus escritos. Os leitores de Paulo podem até discordar do que ele escreve, mas seus escritos não deixam de ressoar neles.

Em Sócrates, o diálogo dá-se entre quem sabe – o filósofo – e o que não sabe, o ignorante, o

escravo. Em Paulo Freire há uma relação de reciprocidade e de igualdade na relação dialógica. Ele valoriza o diálogo como processo de humanização de ambos os sujeitos. E isso aparece também nos seus escritos. Podemos dizer que, nas cartas de Paulo Freire, existe uma espécie de “co-respondência”, e uma “co-perguntância”, isto é, não é só um que responde à pergunta do outro: os dois perguntam e respondem.

Edgar, você deu uma contribuição original não só aos estudos freirianos, mas também à educação popular. A partir do seu trabalho, os educadores em geral e os educadores de adultos em particular vão valorizar ainda mais o gênero carta no processo de alfabetização. Parabéns.

Um abraço amigo.

*Moacir Gadotti, primavera de 2008.*